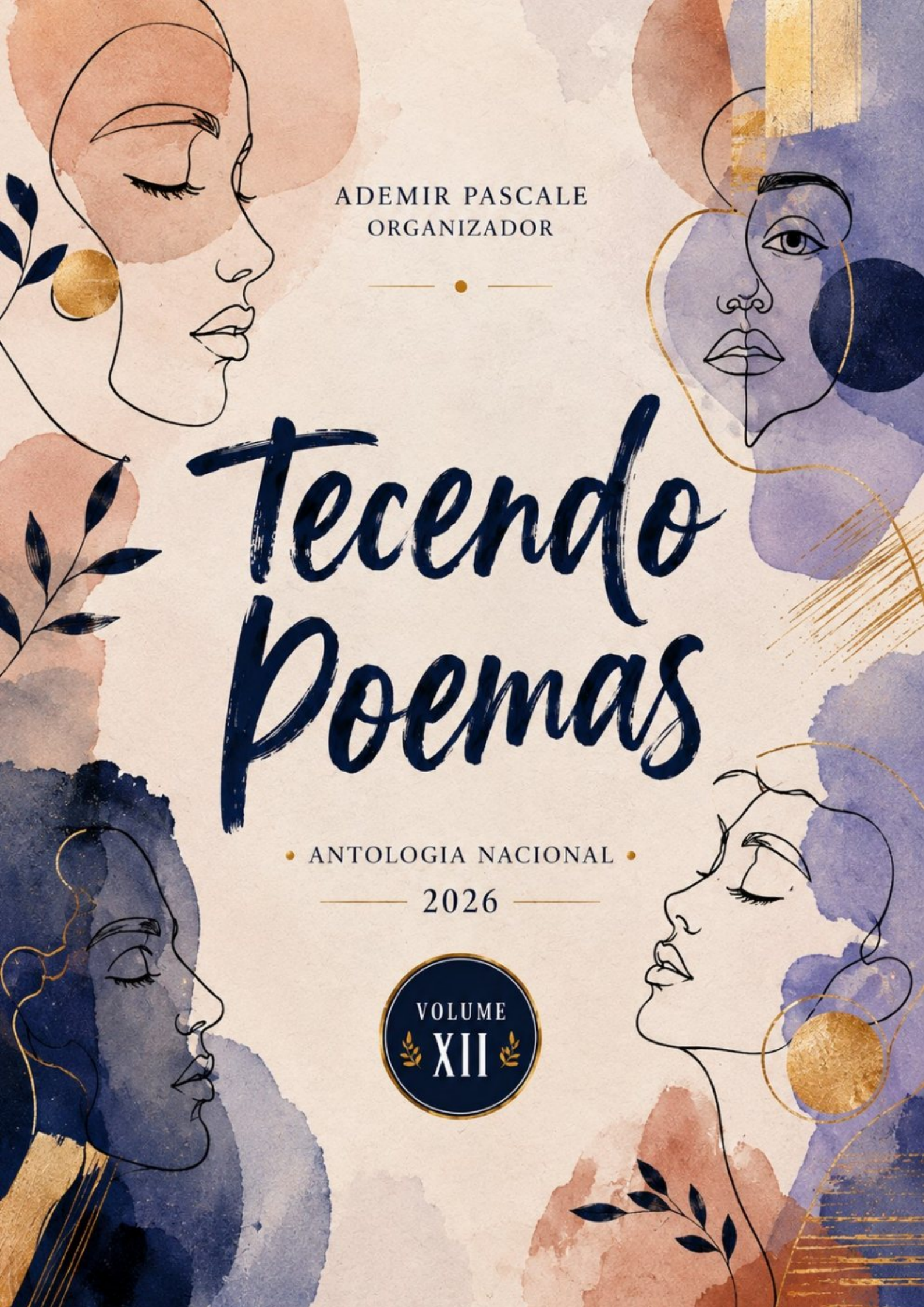




ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

Tecendo Poemas

• ANTOLOGIA NACIONAL •

2026



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores

Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-02-45688-0

2026

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

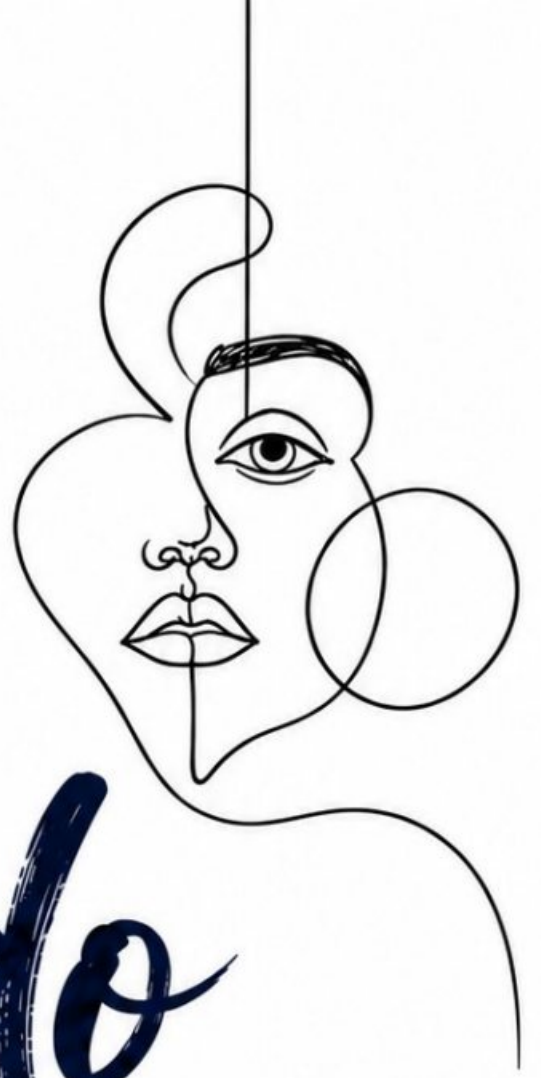
SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

DE MÃOS DADAS, POR ALEXANDRE MONTEIRO, PÁG. 05
O POEMA QUE FALA, POR ANTÔNIO CARLOS RODRIGUES MARQUES, PÁG. 07
A ESBELTA MUIRAPIRANGA, POR ATEZIMAC, PÁG. 10
CAELI MUTATIONE, POR ATEZIMAC, PÁG. 12
MOTUS URBIS, POR ATEZIMAC, PÁG. 14
NO METRÔ, POR ATEZIMAC, PÁG. 16
CONVERSA COM UM HOMEM DE ALAGOAS, POR ATEZIMAC, PÁG. 20
O CÍRCULO, POR BRUNA BAILON, PÁG. 22
A VIDA SEM TRILHA SONORA, POR BRUNA BAILON, PÁG. 24
A FALTA DA ESPERA, POR CIBELLE CARDOSO MESSIAS, PÁG. 28
CASA DE MEMÓRIAS, POR CLOUD. S, PÁG. 32
ONDE A VIDA SÓ SABE PASSAR, POR CLOUD. S, PÁG. 34
LONGÍNQUO, POR CLOUD. S, PÁG. 36
HUMANAMENTE AMAR, POR CLOUD. S, PÁG. 39
A REZA DO INFLUENCER, POR ED MOURA, PÁG. 41
A VISITA DA LUA, POR EDNA BERNADETE, PÁG. 43
RETORNO, POR EDNA BERNADETE, PÁG. 45
ENTRE O VAZIO E A ESPERANÇA, POR EDNA BERNADETE, PÁG. 47
CAMINHO DO AMOR, POR EDNA BERNADETE, PÁG. 49
UMA DOR SEM NOME, POR EDNA BERNADETE, PÁG. 51
DEVANEIO LÍRICO DO AMAR, POR HELAINE MARQUES SILVA, PÁG. 53
FAGULHA, POR IVANA T. SOUZA, PÁG. 56
ALÉM DO HORIZONTE..., POR JOÃO VITOR TÓFFOLI, PÁG. 59
TUDO FICARÁ PARA TRÁS, POR LENI CALISTO, PÁG. 62
SONETO DE SAUDADE, POR LILIANY VICTOR MORAIS SANTANA, PÁG. 66
QUANDO EU ME FOR, POR MARGARETE PEREIRA BOSA, PÁG. 68
REDOMA, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 71
JULGAMENTO, POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES, PÁG. 73
O QUE SOU, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 76
AMOR DERRADEIRO, POR RAVI DHASA, PÁG. 78
SOLUÇÕES DO APAGAMENTO, POR RAVI DHASA, PÁG. 80
LUGARES DE PAZ, POR SELMA LUANNY, PÁG. 82
CICLO E NÃO CICLO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 84
CANTA PRA MIM, SEREIA!, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 86
DE CARNE E DESEJO, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 88
DELÍRIO, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 90
JÁ NÃO SEI, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 92
ECOS DO PORÃO, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 94
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 96



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



Tecendo Poemas

• ANTOLOGIA NACIONAL •
2026





APRESENTAMOS

DE MÃOS DADAS

POR ALEXANDRE MONTEIRO

Mestre em Sociologia Política, graduado em Arquitetura e Urbanismo e especialista em História da Arte; Alexandre Monteiro é docente do curso de graduação em Design, também atuando nas Artes Visuais (desenho, objeto, fotografia, instalação), na escrita acadêmica e na escrita poética (autobiografia, autoficção e poesia).

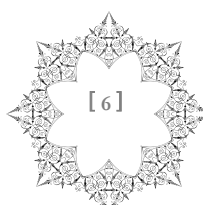


Eis que por quatro anos deixei,
De tocar sua mão pela rua,
De unir minha boca na sua, em
Local que não fosse um porão.

(e a conquista que tanto aguardei, esvaiu-se numa eleição).

E não sob a lei que decreta,
Mas na forma ainda mais abjeta,
Do medo, pela violência,
À força e pela leniência,
A um abuso que pôs evidência
No amor que deseja existir,
De um grupo que vai resistir,
(sobre outro que o quer destruir),
Pra poder seu afeto expressar,
Nas ruas de qualquer cidade,
Em apelo pela liberdade, ao
Direito a poder atuar.

Nossa história é de rebeldia,
De altivez, luta e valentia,
Do irmão gay que buscou alegria,
Num mundo que o quis apagar.





APRESENTAMOS

O POEMA QUE FALA

**POR ANTÔNIO CARLOS
RODRIGUES MARQUES**

É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras (ABROL). Agrônomo, Economista e Advogado (OAB13.339), já publicou 19 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Procurei o poeta e não o encontrei.

Procurei o poema e não o encontrei.

Eu sou só o procurador... procuro com fogo e com ardor.

Eu só sou o teu condutor... ou te persigo e te ligo.

Eu já existo de “per si”, eu sou só eu e nada mais, eu sou o arvoredor e dono do pomar, o pomareiro e o escultor de frutas cristalizadas ou não...

Sou também o teu beija-flor e o teu próprio condor, que conduz com maestria e poesia.

Eu sou o que te chego em teu aconchego.

Eu sou quem me escutas quando para isso nem mesmo labutas.

Nesse silêncio de maré abaixada, eu apenas canto nas áreas das tuas calçadas.

Sou a maré de antanho, fluxo e refluxo.

Sou o teu próprio impulso, pois sou leveza e fortaleza.

Sou o teu mesmo pulso que conversa e conserva.

Eu não tenho corpo material... eu só sou pensamento puro e espiritual...

Eu vago desde os nascentes e poentes.

Escrevo por-de-Sóis e de nascimentos de arrebóis.

Sou grito pulsante, sou camaleão borbulhante.

Vivo desde os tempos em que me vivi e me renasci.

Sou vestígio, sou vestimenta, sou açúcar e pimenta.

Sou vinho convertido em flores e uvas e parreiras.

Sou o mosto que alimenta teus melhores roseirais.

Passeio, navego, eu me movo e me comovo.

Procuro gaiolas vazias e cheias de tudo da solidão ou... não.

Sou alpiste, sou canário, sou armário.

Gaiola festejada para ser muito bem amada.

Preciso de ti para nascer e me renascer em sortilégios, colégios, fantasias e magias.

Quem sou eu, então? Eu sou este movediço poema em tua mão... eu sou criador e criatura, pintura e escultura.

Venho sozinho e te abençoo com meu melhor vinho.

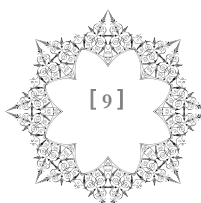
Venho acompanhado e sou teu melhor regalado... regalos dos tempos, dos ventos e das espumas das escunas das tuas próprias internas lacunas.

Sou bordado, sou enfeitado, sou-te atirado para que me perfumes com tua deglutição, tua emoção, tua ferida, teus olhos abertos para o Superior Portão.

Quem sou eu, então? Eu, a primícia, eu sou as primícias, eu sou o paraíso, sou o teu Adão dos teus inícios, jardim perdido, frutas comidas, deglutidas para o teu esquecimento que se esqueceu quando me comeu.

Eu sou o Poema Navegador, passeio no Universo e nos Multiversos, eu só converso em versos e só me limito quando me agasalho em palavras, em ideias tuas, pigmeias ideias que me comprimem e me suprimem.

Eu, o teu poema.





APRESENTAMOS

**A ESBELTA
MUIRAPIRANGA**
POR ATEZIMAC

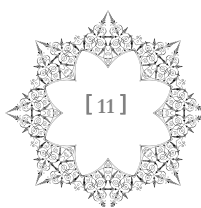
Estudante de Letras e funcionário público
em São Paulo.



Atrai a cidade que ninguém quer,
faz a oca, a borracha, o fruto e a fé
o sol que habita o corpo do rapaz:
tinta vermelha à base de urucum.

A esbelta muiirapiranga alonga-se
ao belo cair da noite sobre os rituais
na flor que a noite traz aos rituais
A esbelta muiirapiranga alonga-se

Oferece do teu sangue às estrelas
uma das dádivas de deus à terra
suas irmãs distantes no cosmos
Puseram sabedoria em seu código.





APRESENTAMOS ***CAELI MUTATIONE*** POR ATEZIMAC

Estudante de Letras e funcionário público
em São Paulo.



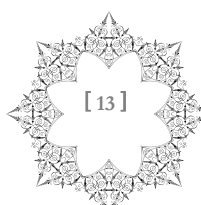
Novos modelos climáticos predizem
que toda faixa equatorial do planeta
estará inabitável em poucas décadas.

A questão está nas nuvens, dizem.
Os cientistas dizem tantas coisas
constroem bankers e espaçonaves.

A mudança no céu é a dança do ar
arrastar das nuvens que carregam
o que os seres tentaram esconder.

Os cientistas já previram tudo isso.
Alguns milênios atrás um poeta.
Agora que o ser humano se mostra

um tanto impalatável com a vida,
os cientistas se jogam às máquinas
e lá depositam sua alma: *alis cultri*.





APRESENTAMOS

MOTUS URBIS
POR ATEZIMAC

Estudante de Letras e funcionário público
em São Paulo.



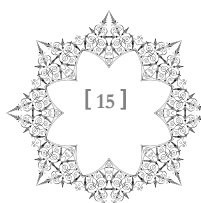
A cidade recepciona Apolo, somente enquanto
Os povos da floresta lutam na floresta ao norte.
Quero dos tons, para este livro, o mais fúnebre.
Pois eu vejo o tempo brincando com as mãos,

a árvore que cresce silenciosa no quarto,
a doce música no ouvido dos pássaros.
A memória guardada naquele prédio.
A perna forte do gato em cima da ponte.

Metáforas para uma velha cidade
cujo abismo é só você, São Paulo.
Embora repetições te fortaleçam
e as distrações afastem o plano,
somente o ódio permanece

neste corpo treinado e cigano.
Na memória daquele edifício...
flutuando sobre a cidade cinza
junto à água dos córregos
escavando a rocha do tempo.

Sinto-me somente a continuidade.
A memória guardada naquele prédio,
os raios do sol que decompõem os restos
e correm sobre as águas dos córregos.





APRESENTAMOS

NO METRÔ
POR ATEZIMAC

Estudante de Letras e funcionário público
em São Paulo.



A estação, os trilhos, as pessoas
rodam galerias deleitáveis, evocando
o benévolo, o filantropo, o generoso.
O metrô dispõe uma métrica exata
um ritmo no qual a multidão se derrama.

As massas difundem-se nas suas vias estreitas
e entopem vagões, depois as massas
escorrem fanáticas
para as ruas.

Agora é noite
e as casas famintas ingerem as massas.
Agora é tarde e as massas se deitam:
a massa está dormindo.
Agora é dia e a chaleira chia
um chicote ferve em algum lugar.

Há um longo caminho a ser trilhado
de Grajaú a Osasco
da boca ao esôfago
da casa ao trabalho, do trabalho para a casa.
Há um longo processo de digestão mecânica:
por pouco o garfo não rasga a carne.

Logo é fevereiro, quando se vê, junho.
Nossa, como passa! e Laura já está grande
e Antônio foi para os Estados Unidos
e Douglas desapareceu, e Joaquim fuma cigarros.

Uma formiga caminha reduzida nos meus óculos.
Uma formiga insiste reduzida em rodear um botão

um grande botão vermelho de detonação total, coitada:

[falta peso.

O trem andou, o trem parou, o trem andou

incontáveis, vagos, desnecessários rumos.

Há um longo trajeto que roda galerias deleitáveis

evocando o benévolo, o filantropo, o generoso.

Há um trilho ruído que parece não ter conserto.

Há uma ratazana gorda que se alimenta do lume.

Há uma companhia sem quadris a guiar os partidos.

E onde se descansa a vista há um bloqueio que fatia

[essa nação:

o caminho está bloqueado, o trem parou.

O trem está cansado, o trem deseja a morte...

mas ele está vivo, bem aqui, a máquina e eu,

marchamos: os outros que não vê.

Marchamos presos por uma longa fita

a esta condecoração de mentiras,

num antropomorfismo apático, desumano.

Em um teatro de embustices,

nossa existência miserável,

a máquina e eu marchamos.

O ódio do tolo é direcionado às massas.

O ódio do esperançoso é lançado às classes.

O ódio do determinista é lançado às máquinas.

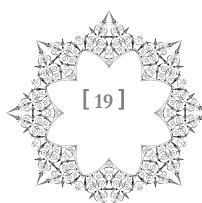
E O ódio das máquinas é determinista.

O ódio é uma velha relíquia num museu.

O ódio é mais que a destruição irracional,

é mais que o medo, é mais que o dragão
devorando a própria cauda.
invade o ser humano, infecta o ar e o vento.
Raciocine e lute pra sair daqui com liberdade.

Há uma grande variedade de objetos
e soluções para os mais diversos serviços.
Os problemas não se esgotam. Ao contrário,
renovam-se. A dificuldade resulta do fato
da impossibilidade de disputa.
A vida é uma existência de mistérios.
Cada passo para se chegar no metrô
exige a construção de soluções singulares.



APRESENTAMOS
**CONVERSA COM UM
HOMEM DE ALAGOAS**
POR ATEZIMAC

Estudante de Letras e funcionário público
em São Paulo.



E tudo vem parar aqui
para esse povo frio
consumir

É difícil delimitar
mas é tudo que podemos fazer
pensar no solo, no trato do solo
depois nos caminhões,
depois nas fábricas,
das fábricas aos mercados, às mesas.

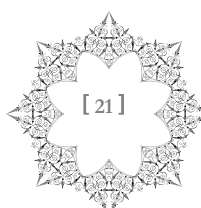
As mesas...
se bem que me entende
o elefante na sala.

A língua que você fala
o território que você pisa
tem que tomar cuidado

Não posso falar de números
mas não sou completamente cego
ainda.

O que eu penso, e sei que não é verdade,
é que tudo vem parar aqui, essa é a sensação,
mas não é a verdade.

Não podemos falar sobre verdades aqui,
mas não se esqueça nunca da
inversão do triângulo.





APRESENTAMOS

O CÍRCULO POR BRUNA BAILON

Bruna Bailon, 27 anos, e escritora. Natural de Votuporanga no interior de São Paulo, escreve sobre a existência e suas contradições. Em seus textos, explora temas como sentimentos, autoconhecimento, relações e as complexidades de ser. Sua escrita é marcada pela introspecção, pela sensibilidade e pela busca por autenticidade.



A crueldade que está imersa nela, para consigo mesma, é aterrorizante.

Como pode uma pessoa se depreciar tanto?

Não a cobre.

Ela já faz isso com maestria.

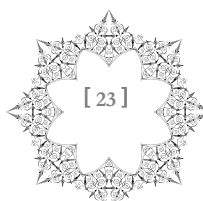
Não a critique em vão.

Já bastam os pensamentos
que ela tem sobre si mesma,
que nem sempre,
mas quase sempre,
são lamentáveis.

Julguem-na por isso.

Mas não a julguem tanto.

Ela já se culpa,
volta a ser cruel,
e esse é o círculo.





APRESENTAMOS

**A VIDA SEM
TRILHA SONORA**
POR BRUNA BAILON

Bruna Bailon, 27 anos, e escritora. Natural de Votuporanga no interior de São Paulo, escreve sobre a existência e suas contradições. Em seus textos, explora temas como sentimentos, autoconhecimento, relações e as complexidades de ser. Sua escrita é marcada pela introspecção, pela sensibilidade e pela busca por autenticidade.



Romantizar a minha existência me ajudou até um certo ponto.

Digo.

Era bom ver as coisas acontecendo

de uma forma lúdica,

bonita,

com performance.

Só que, essencialmente,

de nada adiantou.

Para mim,

não funcionou.

Chegou um determinado momento

em que eu tive que ver as coisas

exatamente como elas eram:

com suas feiuras,

com seus horrores,

com suas angústias,

com o seu caos.

No entanto, enquanto eu estava romantizando tudo,

não era ali que pertencia o que havia de incoerente.

Era interno.

Porque, mesmo fazendo tim-tim por tim-tim

do que poderia ser feito

para deixar tudo lindo,

limpo

e aparentemente impecável,

a minha cabeça estava explodindo.

A minha mente era a própria terra

após um tornado aterrorizante.

Uma verdadeira

e irrefutável

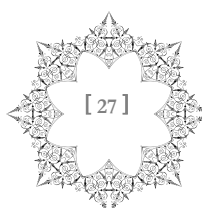
bagunça.

Eu tinha a falsa sensação

de que romantizar a minha vida

iria me ajudar a pôr as coisas nos eixos.
Mentiram pra mim.
Na verdade,
eu menti pra mim mesma.
Nada vai funcionar
se a sua mente não estiver no lugar certo.
Você precisa crer para ver.
E, vendo as coisas por outra ótica,
a ótica verdadeira,
sem filtros,
sem trilha sonora,
sem cheiro de lavanda,
eu consigo, de fato,
me preparar para a arrumação.
Dói.
Dói muito.
Dói porque é difícil assumir
essa versão de nós mesmos.
A versão que está desregulada,
triste,
ansiosa,
acabada,
inutilizada.
Mas é aí
que se encontra
o verdadeiro significado
de transcender.
Por favor,
não ignore seus pensamentos
e, acima de tudo,
suas sensações.
Não enterre as sombras
que atravessam o seu caminho,

pois são elas
que te revelam.
É a partir da sombra
que conseguimos entender
e traçar o melhor caminho
pra chegar lá.
Lá aonde?
Na melhor performance
e mais admirável vida,
que não admite erros
e ciclos?
Não.
Na bagunça autêntica
que é ser você.
Porque de nada adianta
pintar uma vida colorida,
com fogos e artifícios,
como eles dizem,
sendo que, na sua essência,
existem milhares de outras coisas
pra serem liberadas,
analisadas,
investigadas
e, acima de tudo,
conhecidas.
Para que você consiga
só ser você.
Sem nenhuma faceta inventada.





APRESENTAMOS

A FALTA DA ESPERA POR CIBELLE CARDOSO MESSIAS

Cibelle Cardoso Messias é professora, coordenadora pedagógica e pesquisadora. Mãe de três filhos, encontra na escrita uma forma de preservar memórias. Há anos escreve cartas e textos para celebrar os aniversários dos filhos. Sua escrita nasce das experiências cotidianas, da maternidade e das passagens da vida. Entre a educação e a literatura, transforma lembranças em palavras. Escreve para guardar aquilo que o tempo insiste em levar. A falta da espera é sua primeira participação em um concurso literário.



Trinta e duas semanas.

Vinte e quatro anos.

Hoje,

você constrói

o seu universo,

o mesmo universo

que um dia

coube em mim.

Nosso ato de transição.

A história

de duas mulheres.

O antes.

O depois.

Um elo.

Uma morada.

Uma costura de espera.

E eu esperei...

O primeiro choro.

O primeiro passo.

A primeira sapatilha.

O primeiro dia de aula.

A crise alérgica

da madrugada.

O primeiro salto alto.

O barulho da chave

na porta.

A mala desfeita.

A porta do carro

anunciava

o que nenhuma mãe

aprende a ensaiar.

Voltei.

A luz apagada
do quarto.
As gavetas vazias.
Os cabides
sem os vestidos.
A última das Caróis.
Os copos
que colecionavam
os seus caminhos
permanecem
no armário.
As fotografias
pelos corredores.
A mão repousada
sobre meu seio,
quando eu era
o seu universo.
Houve um tempo
em que eu era
a sua preferida.
Até uma bronca.
Sorri
quando passei
ao segundo lugar.
Naquele instante,
sem saber,
você aprendia
a crescer.
Agora,
vivo
dos pequenos rompantes
da sua presença.
Eu,

menina.

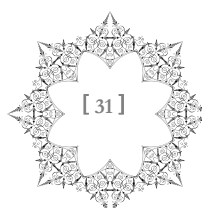
Você,

mulher.

A menina de franjinha

deixou

o cabelo crescer.





APRESENTAMOS **CASA DE MEMÓRIAS** POR CLOUD. S

Como qualquer outra pessoa encontraremos na poesia uma forma de expressar nossos pensamentos e sentimentos. E com palavras existe o caminho imperfeito de poder ser quem queremos, poder sentir uma parte de você sendo exposta com tanta classe e propriedade! É uma das coisas mais bonitas que se pode sentir, a poesia salva quem se permite, para que eu nunca corramos o risco de nos esquecer.



Aquele cigarro, aquele cigarro que você...

Colocava na boca, acho que foi daí que aprendi a odiar esse cheiro, você olhava pra televisão...

Assistia, mas é engraçado que eu quase não me lembro do barulho.

Ou o rádio, os vídeos cassetes que eu encontrei daquela vez

Aquele corretor sombrio onde a porta para a luz era a linha de chegada

Aquele quarto escuro com livros nunca lidos

Ou aquela escada nunca alcançada!

Foi onde meu pai me encontrou, onde minha mãe disse que não voltaria

E a falta de som nunca estive lá

Aquela foi a primeira casa que aprendi a odiar

E nas fotos onde pessoas pareciam felizes, hoje são caminhos distorcidos, laços rompidos, ódio instalado e um retrato daqueles que nem mais estão ao seu lado

Aquela casa tinha o mesmo soar de um velório

É detestável ter ido em tantos depois de um tempo

No vazio, se há luz e enquanto houver se tem esperança

Velha casa, que não deveria ter envelhecido

Se não tivesse, alguns não teriam morrido

Meus pais não teriam ido

Eu não te culpo

A sua calha está em destroços

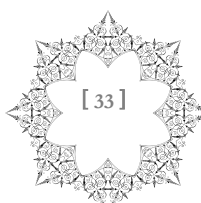
Teus escombros guardam memórias que não escolheram

Seus fantasmas não sussurram, gritam verdades esquecidas,

E posso ouvir o eco de toda uma vida vivida

Ruína não é só de concreto

É o espelho daquilo que deixamos incompleto.





APRESENTAMOS

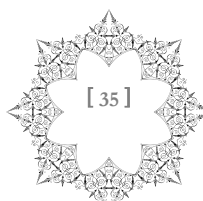
ONDE A VIDA SÓ SABE PASSAR

POR CLOUD. S

Como qualquer outra pessoa encontraremos na poesia uma forma de expressar nossos pensamentos e sentimentos. E com palavras existe o caminho imperfeito de poder ser quem queremos, poder sentir uma parte de você sendo exposta com tanta classe e propriedade! É uma das coisas mais bonitas que se pode sentir, a poesia salva quem se permite, para que eu nunca corramos o risco de nos esquecer.



Eu só queria dizer que odeio esse lugar.
Não importa o quanto ele pareça familiar.
Não importa se está cheio de gente.
Não importa se é servido aos melhores fregueses.
Tudo é muito difícil aqui, a educação passa despercebida.
A sociedade inteira facilmente se irrita.
É um lugar limpo, um lugar claro, não tem luz antiga, nem parece apenas um quarto.
Não é uma sala vazia, não está sem alma.
Mas não tem nada que combine comigo.
Não tem justiça aqui.
Ricos mentem para pobres.
Pobres roubam ricos.
Tentam achar um culpado para quem está contribuindo com tudo isso.
As pessoas nem sabem quem são.
São escravos de qualquer opinião.
E acreditam sem estudar.
Olham para a evolução da humanidade e regridem em seu próprio olhar.
Ah, quem diga que nada se pode fazer.
Mas as pessoas seus inúteis problemas não sabem resolver.
Reclamam sobre a realidade.
A mesma realidade com que se contentam.
Não fazem nada.
Nada, nada do que precisa ser feito.
Por que você reclama se não muda o que tem feito?
Por que você reclama se está vivo?
Por que você não dá valor a tudo o que já tem?
Não é ambicioso, onde foi que deixou aquela criança?
Talvez ela esteja aí no seu coração, talvez você tenha se esquecido dela e só seguiu a tradição.
A tradição que a humanidade inteira tem de continuar aqui.
Sentado, vendo a vida passar...
Eu entendo... você gosta daqui.
Mas eu não, eu só queria dizer que odeio esse lugar.





APRESENTAMOS

LONGÍNQUO

POR CLOUD. S

Como qualquer outra pessoa encontraremos na poesia uma forma de expressar nossos pensamentos e sentimentos. E com palavras existe o caminho imperfeito de poder ser quem queremos, poder sentir uma parte de você sendo exposta com tanta classe e propriedade! É uma das coisas mais bonitas que se pode sentir, a poesia salva quem se permite, para que eu nunca corramos o risco de nos esquecer.



Eu achava que escrevia poemas
Até alguém vir e dizer que são prosas
Eu achava que era ilesa
Até você vir e me dar rosas

Eu construía tão bem simbologias poéticas
Até alguém vir e decifrar estas
Tudo que eu achava que escrevia
Poderia mudar o mundo em mar de sintonia

E o que antes era organizar ideias
Agora é escalar uma subida de trinta metros
Escrever é mais difícil sem leitor
Porque histórias jamais sobrevivem sem criptografador

Você me persegue, intencionalmente ou não
Me descreve como uma personagem bem construída de um livro
Mas eu sei bem que não sou não
Me faz desejar um novo capítulo

Dizem que não se pode olhar para o passado
Mas como não, se tudo que tenho de você está nele?
Registrar mera mesmice em versos
Me fez escritora de restos

Estrofes que não podem morrer
Destroços sobre as estrelas entrelaçados em porquês
A insistência da natureza de um pensador
Que relê as pessoas em amor

Amor de poeta , amor em poeta
Amor infinito, amor por extinto

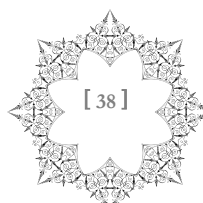
Amor incerto, amor concreto

Amor Longínquo...

Eu achava que escrevia bem

Até vir o amor e escrever além, além do que as palavras poderiam falar...

longínquo... igual ao **luar**.





APRESENTAMOS

HUMANAMENTE AMAR

POR CLOUD. S

Como qualquer outra pessoa encontraremos na poesia uma forma de expressar nossos pensamentos e sentimentos. E com palavras existe o caminho imperfeito de poder ser quem queremos, poder sentir uma parte de você sendo exposta com tanta classe e propriedade! É uma das coisas mais bonitas que se pode sentir, a poesia salva quem se permite, para que eu nunca corramos o risco de nos esquecer.

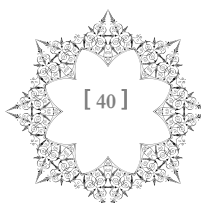


As palavras que não te disse, eu esqueci
Eu acho que foi um erro que próprio passado
não sabia escrever
Ou aquelas tardes entendidas na mesmice e flacidez
As minhas mãos tão pequenas o céu não podem tocar
Mesmo na ponta dos pés, se eu continuasse a tentar

Metáforas que eu grito aos ventos para da terra me tirar
E que com as nuvens seja para sempre o meu lugar
Os pensamentos mais obscuros permanecem por vim
Mas os pássaros suplicam para que eu fique aqui
Talvez tiraria a paz que há lá

Ou talvez me lembre das juras de amor que te fiz antes de vaiar
Esteja na terra para humanamente amar
O preço que todos os seres, sem ser humanos, gostariam de pagar
Não sei bem o meu lugar, ou se há um lugar reservado aos que desejam voar
Mas se eu não puder lhe impedir de ir com as melodias
Que eu escute o seu soar enquanto estiver aqui
Se o amor me ligar que venha o teu nome transcrito nele

Então, se for embora sem razões
Você não tem culpa de eu ter escolhido te amar
Mas as razões que eu lhe der é para escolher ficar na terra
Para que eu possa humanamente te amar
Mesmo que nos céus nuvens como eu devessem ficar.





APRESENTAMOS

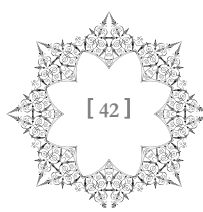
A REZA DO INFLUENCER POR ED MOURA

Nasceu em Goiânia/GO e, aos 18 anos, começou a compor seus poemas e a divulgá-los em um "fanzine" artesanal chamado "Dias de Poesias", que era impresso e distribuído gratuitamente. Anos depois, o fanzine virou um blog na web. Em 1993, mudou-se para Brasília/DF, onde reside até hoje. Continua militando na literatura tanto com poemas quanto com prosas. Ao longo de sua trajetória, ele já foi premiado em alguns concursos, mas nada de grande monta, que o tornasse famoso. Porém, ele não escreve por causa disso, para ficar famoso, mas, para tirar de sua mente e coração as frases, ideias e histórias que - às vezes - roubam-lhe a paz.



algoritmo deles que estais na nuvem
santificado sejam os vossos dados
venha a nós o vosso engajamento
e seja feita a vossa publicidade
assim no virtual como no real

os seguidores, os inscritos e o *CTA* nossos de cada dia
nos dai hoje
perdoai a nossa IA alucinada
assim como nós perdoamos o cancelamento
e não nos deixeis ficar fora das *trends*
mas livrai-nos da desmonetização...
AMÉM!





APRESENTAMOS

A VISITA DA LUA
POR EDNA BERNADETE

Edna é casada há 36 anos, tem dois filhos, dois netos, reside na zona rural do município de Rondonópolis - MT, é técnica em enfermagem e ACS, aposentada por incapacidade, participa da Escola de Psicanálise - Laço Analítico, gosta de ler e escrever. Foi brincando de desenhar as letras na areia que foi alfabetizada, na infância escrevia cartas para terceiros enviar aos familiares.

Escreveu diários e poemas na adolescência, esporadicamente escrevia algumas homenagens e retornou a escrita dos poemas há um ano como efeito do trabalho em análise.



Do meu sofá, contemplo a lua lá fora,
Vem da sacada e beija a janela,
Traça um caminho numa luz que ancora
O meu cansaço que o repouso desvela.

Três noites no mesmo lugar,
Onde o tempo se perde no lar.
Enquanto descanso, ela cruza o céu,
E faz da cortina um sereno véu.

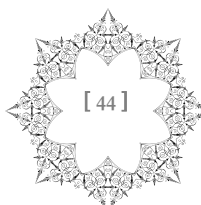
Ela guarda segredos de tantas histórias,
De quem na noite em silêncio, revisita memórias.
Existem sonhos que o dia não alcança
E eu, no meu canto, sou só uma entre tantas.

Ao ver seu tamanho minguar,
Sinto que é hora de me despedir,
Temendo um pouco o escuro
Que lá fora vai surgir.

Amanhã mudas de fase, de tom e de brilho,
E eu, no meu ninho, sigo o meu trilho.
Que a lua siga sempre a velar,
Até que o sol venha o mundo despertar.

A ti, ó lua, meu agradecimento,
Por me visitar e trazer alento.
Espero que no mês que há de vir,
Possamos, mais uma vez, nos reunir.

Para que, outra vez, assim,
No teu brilho de prata, sem fim
Eu possa novamente me banhar,
E o meu olhar com o teu se cruzar.





APRESENTAMOS

RETORNO POR EDNA BERNADETE

Edna é casada há 36 anos, tem dois filhos, dois netos, reside na zona rural do município de Rondonópolis - MT, é técnica em enfermagem e ACS, aposentada por incapacidade, participa da Escola de Psicanálise - Laço Analítico, gosta de ler e escrever. Foi brincando de desenhar as letras na areia que foi alfabetizada, na infância escrevia cartas para terceiros enviar aos familiares.

Escreveu diários e poemas na adolescência, esporadicamente escrevia algumas homenagens e retornou a escrita dos poemas há um ano como efeito do trabalho em análise.

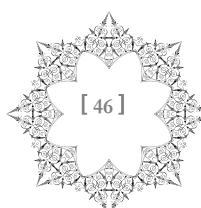


Saudade é dor que arranha o peito,
Por isso, é difícil de sentir,
Sentimento vil e sem jeito,
Seu efeito, faz o peito ferir.

Saudade é como o sonho que se tece.
Sonho de um dia nos ver,
Sonho com o dia do reencontro,
Sonho com o de novo ter.

Saudade também tem o D,
De dor que a ausência sente,
Uma ferida que insiste em ser,
Um mal que chega de repente.

Fico, então, com o S de sonhar,
Pois só com ele posso contar,
Contar os dias, contar as horas,
Que marcam o retorno, mesmo com demora





APRESENTAMOS

ENTRE O VAZIO E A ESPERANÇA

POR EDNA BERNADETE

Edna é casada há 36 anos, tem dois filhos, dois netos, reside na zona rural do município de Rondonópolis - MT, é técnica em enfermagem e ACS, aposentada por incapacidade, participa da Escola de Psicanálise - Laço Analítico, gosta de ler e escrever. Foi brincando de desenhar as letras na areia que foi alfabetizada, na infância escrevia cartas para terceiros enviar aos familiares.

Escreveu diários e poemas na adolescência, esporadicamente escrevia algumas homenagens e retornou a escrita dos poemas há um ano como efeito do trabalho em análise.



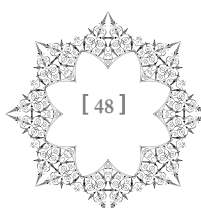
Existir é uma viagem
Viagem, que às vezes traz um vazio,
Saudade a reclamar uma falta
Ausência nos dias frios.

Não!
O sentimento não é de abandono.
É dependência!
Dependência Que vem a meu encontro.

Um vínculo de trabalho
Que no amor abriu um atalho
Emoção insólita
Na expectativa da volta.

Na impertinente esperança da presença
A aflição encontra lugar
O medo existe,
E com ele uma dor profunda insiste.

A alegria da chegada...
Traz uma felicidade incerta.
Com ela descobri
Que a saudade deixa sempre a porta aberta.





APRESENTAMOS

CAMINHO DO AMOR

POR EDNA BERNADETE

Edna é casada há 36 anos, tem dois filhos, dois netos, reside na zona rural do município de Rondonópolis - MT, é técnica em enfermagem e ACS, aposentada por incapacidade, participa da Escola de Psicanálise - Laço Analítico, gosta de ler e escrever. Foi brincando de desenhar as letras na areia que foi alfabetizada, na infância escrevia cartas para terceiros enviar aos familiares.

Escreveu diários e poemas na adolescência, esporadicamente escrevia algumas homenagens e retornou a escrita dos poemas há um ano como efeito do trabalho em análise.

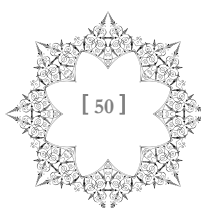


O caminho começa
Na liberdade da acolhida
A alma se expressa
No ritmo da vida

No espelho do olhar
O afeto é revelado
Conexão verdadeira
No amor entrelaçado.

Palavras que dançam
Em um baile gentil
Primeiro indício
De um romance sutil

Entre flores e espinhos
Um jardim vai surgindo
Unindo duas vidas
Seguindo um caminho!





APRESENTAMOS

UMA DOR SEM NOME

POR EDNA BERNADETE

Edna é casada há 36 anos, tem dois filhos, dois netos, reside na zona rural do município de Rondonópolis - MT, é técnica em enfermagem e ACS, aposentada por incapacidade, participa da Escola de Psicanálise - Laço Analítico, gosta de ler e escrever. Foi brincando de desenhar as letras na areia que foi alfabetizada, na infância escrevia cartas para terceiros enviar aos familiares.

Escreveu diários e poemas na adolescência, esporadicamente escrevia algumas homenagens e retornou a escrita dos poemas há um ano como efeito do trabalho em análise.



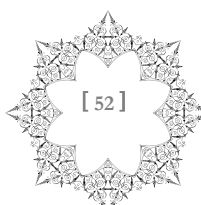
Vi um passarinho voando
Senti vontade de voar,
Vi um passarinho cantando
Não senti vontade de cantar.
Por que será?

Seu canto é alegre
Meu canto é triste
Seu peito vibra
Minha alma grita.

Trago no peito
Um lamento contido
Que reflete a dor
De um coração ferido.

Ferido por quê?
Pela dor?
Dor de amor?
Dor de abandono?
Não sei...
É uma dor sem nome!

Queria voar,
voar bem longe!
Talvez distante,
A tristeza some.
Não some?
Ah! Essa dor sem nome!





APRESENTAMOS

DEVANEIO LÍRICO DO AMAR

POR HELAINE MARQUES SILVA

Graduanda em Filosofia e bolsista de Iniciação Científica pela UECE (Universidade Estadual do Ceará), a autora busca, através da poesia, uma forma de articular o pensamento filosófico e literário que transpassa o contexto da realidade contemporânea. Natural de Maranguape-Ceará, escreve reflexões poéticas desde da infância e compreende na escrita a maneira de aprimorar sua aprendizagem intelectual.



Será que é possível definir o amor?
Com tamanha verdade, nesse tempo insensível
Que parece ser feito de amores líquidos.
Mas em qual definição é mais compreensível?
Para envolver aqueles que ousam duvidar
De uma existência mútua desse sentimento.

O amor que traz alegria
Mostrando que é verdadeiro
Aos amantes desse amor
Que trazem a mais bela sintonia
Sem que ele se transforme em dor
Para que o amor seja uma poesia.

As vezes acontece sem mesmo esperar
Para além da simples aparência
O que faz o coração palpitar
Bastando no coração ter a essência
Do perfume mais caro da sinceridade
Que se encontra na beleza do amar.

No amor não há incertezas
Quando tem a tal verdade
Que transborda o coração
Mas ainda há aqueles que marcam
Causando medo e frustrações
Mostrando que nem tudo é felicidade.

Seguindo no caminho inverso
É que muitos desistem de procurar
Mesmo acreditando na luz divina
Ele está cada vez difícil encontrar

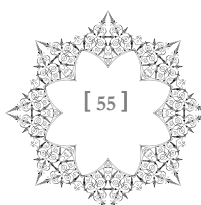
Será que esse amor verdadeiro
Parece escondido em outro universo.

Pela fluidez das relações amorosas
Hoje não existe mais a permanência
Nos fazendo refletir outra questão
Na matrix tecnológica em que vivemos
Será que amamos mesmo os outros
Ou aquilo que sentimos é uma ilusão.

A sensação de amar e ser amado
Transgride qualquer poesia
Tão pouco se parece com o amor eros
Mas é mais do que uma *philia*
Acredito que não há uma definição
Para tentar imaginar qual a sua filosofia.

Na tentativa de torná-lo compreensível
Entendo que ele é uma atitude sincera,
Pois para amar não tem receita
Se descobre de toda forma
Se tem amor é com certeza
O que os outros pensam pouco importa.

É só amando o outro por inteiro
Que nas ações mais imperfeitas
Produce um amor verdadeiro
E permite um conhecimento profundo
Para conter todas as guerras
O amor é a esperança do mundo.





APRESENTAMOS

FAGULHA POR IVANA T. SOUZA

Ivana T. Souza, é catarinense de Barro Branco, Distrito de Lauro Muller - Sul do Estado, e reside há mais de 30 anos em Joinville - SC. Seus trabalhos literários, na forma de - contos, microcontos, poemas e poesias - são publicados na Revista Conexão Literatura. É esperantista e Membro da Mostra de Arte Literária Espírita (CEPS) de Joinville.



Fagulha Divina

Adormeceu no mineral.

E, na paisagem silenciosa

Da Terra ancestral, revelou-se

Em ouro e prata, diamante e

Turmalina. Foi pedra preciosa

No palco do Concerto Universal.

No vegetal, movimentou-se e, na

Ária da Criação, inundada pelo Sol,

Figurou-se em campos floridos de

Rara beleza. Embalada pelo

Vento, aspergiu doce perfume e,

Majestosa, nos jardins do

Criador, bailou.

No animal, o instinto aflorou

Como inspiração adormecida.

Na ovelha dócil, foi mansidão; na fera,

Força e astúcia. Fez morada em ninhos

E, na elegância de um pavão, na

Imponência de uma águia e na beleza

Do rouxinol, voou e cantou.

No hominal, a razão despertou.

Conheceu o Bem e o Mal. Amou e

Sentiu dor. Extasiada, com místico

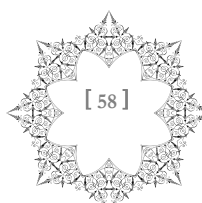
Brilho no olhar, espelho da Alma,

Contemplou, com esplendor, as

Estrelas, o Sol e o Luar, que são os

Astros na ópera do Criador.

No angelical, hoje é Luz.
Conquistou atributos Divinos e
Habita na mansão do Infinito.
É chama flamejante que não se
Apaga. É como uma nota da
Partitura da Sinfonia Celestial.





APRESENTAMOS

ALÉM DO HORIZONTE...
POR JOÃO VITOR TÓFFOLI

João Vitor de Lemos Tóffoli é contador de histórias, escritor e mediador de saraus literários. Já participou de diversas antologias e conta com dois livros publicados: Devaneios de Euforia e Devaneios de Utopia. Atualmente, escreve seu terceiro livro: Chão de Jardim.



O que tem nesse horizonte?
Uma névoa logo nasce
e a paisagem já renasce,
me parece só uma ponte.

O que existe nesse horizonte?
Ele é tão desconhecido,
me remete ao que é mórbido,
Será que é a minha fonte?

Mas o que realmente há nesse horizonte?
É tão novo e assustador,
só sei que virá com dor.
O que observo parece ser um afronte.

Consigo admirar esse cenário?
Não me parece ser algo a se cultuar,
isso tudo está me tirando o ar... Respirar?!...
Não me parece tão imaginário.

O que está vindo nessa esfera?
Isso é inevitável,
isso é inalcançável,
Sei que é o fim da minha era.

Um momento... parece que tem um limiar...
Não devemos prever algo posterior,
ainda assim, será um grande e tremendo horror,
tudo isso vindo está me fazendo a (re)inspirar.

Mas, e o que eu tanto temo nesse futuro?

Sendo reescrito por um imaturo.

O passado está ficando ausente,
onde naufragou este meu incidente.

Um acidente ao nascer,

na dor que surge ao crescer.

A paisagem é uma miragem,
se transformando em uma mensagem.

A nossa perspectiva se metamorfoseia conforme a nossa vista,
através da vida caminhando em um instante,
organizada na prateleira de uma estante.

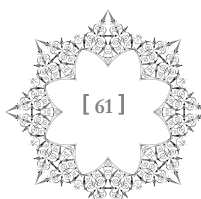
Vai cantando num espetáculo do absurdo para ser mais realista.

Absurdo?! Estamos num concurso,
mas, sem saber qual o percurso,
perdemos toda a nossa hora,
quando não estamos no agora.

O quadro pode ser uma prisão,
que está encharcada pela ilusão.
Mas, o espetáculo está ausente,
afinal, eu estou tão diferente.

O que há nessa possibilidade?
Que não seja uma verdade,
coexistindo numa promessa,
mas, não acabando com pressa.

O que pode surgir no meu princípio,
não se parecendo com um início.
As coisas podem mudar a cada ano,
Mesmo sendo um sublime no mundano.





APRESENTAMOS

TUDO FICARÁ PARA TRÁS POR LENI CALISTO

Leni Calisto é escritora, jornalista, apresentadora, advogada, bióloga e professora. É criminalista e especialista em Direito da Mulher. Atua na defesa dos direitos e na proteção das mulheres. É autora de obras sobre violência, resistência, educação e questões sociais. Desenvolve projetos voltados à educação, cultura e transformação social. Apresenta o programa Vozes, Lutas e Resistências, no Jornal DR1. Sua trajetória une Direito, Educação, Ciência e Literatura em defesa da vida.



O ego, às vezes,
ergue muros onde não existem fronteiras,
cria diferenças onde somos iguais
e transforma a existência
numa corrida que ninguém precisa vencer.

Queremos ser maiores,
ter mais,
ser vistos,
ser lembrados.

E, nessa busca silenciosa,
deixamos escapar o essencial:
somos todos passageiros
da mesma estrada.

Não importa o nome,
o dinheiro,
o poder
ou os títulos que carregamos.

Diante da vida,
nenhuma grandeza nos faz eternos.

Chegamos aqui sem nada,
com as mãos abertas
e o primeiro choro
como única riqueza.

E quando chegar o grande dia,
quando a última porta se fechar,
tudo ficará para trás.

As posses permanecerão.

Os aplausos cessarão.

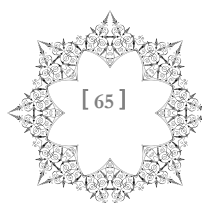
As vaidades perderão o sentido.

E aquilo que parecia tão grande
se tornará apenas lembrança.

E nós?

Voltaremos como chegamos:
sem nada.
Então, por que alimentar o orgulho
por aquilo que não nos pertence para sempre?
Por que erguer barreiras,
se a vida nos pede pontes?
Talvez viver seja justamente
aprender a soltar.
Dividir mais.
Perdoar mais.
Amar sem medida.
Estender a mão
sem perguntar de que lado está o outro.
Porque, no fim,
não seremos lembrados
pelo tamanho do que possuímos,
mas pela marca
que deixamos nos corações.
A vida é breve demais
para gastá-la em vaidades.
Então, enquanto houver tempo,
deixemos o ego em silêncio.
Não somos maiores.
Não somos menores.
Somos apenas humanos,
caminhando juntos
por um breve instante.
E talvez a verdadeira riqueza
seja perceber, antes da partida,
que nunca foi preciso
ter tanto para ser feliz.
Tudo ficará para trás.

Por isso, enquanto a vida nos permitir,
abracemos, amemos, perdoemos.
E, em vez de querer vencer o mundo,
vamos apenas viver.





APRESENTAMOS

SONETO DE SAUDADE

POR LILIANY VICTOR
MORAIS SANTANA

Liliany Victor Moraes Santana, 43 anos, é natural de Senador Pompeu, Ceará. Graduada em Engenharia de Produção pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e mestre em Administração pela Universidade Potiguar (UnP), é servidora pública federal desde 2013. Casada e mãe de um menino, aprecia a poesia, os versos e a literatura de cordel. Tem na composição poética uma de suas principais formas de expressão, dedicando parte de seu tempo à escrita de poemas.

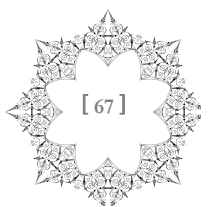


Hoje tenho saudade
De uma imensidão de detalhes
Afetos de verdade
Preciosos entalhes

Essência de uma família
Conduzida com muita arte
Carinho que se percebia
Em cada gesto, em cada parte

Momentos que não voltam
Que ternamente confortam
E resistem aos ventos que sopram

Memórias que afagam
E gentilmente nos amparam
Lembranças que os dias não apagam





APRESENTAMOS

QUANDO EU ME FOR

POR MARGARETE PEREIRA BOSA

Margarete Pereira Bosa, brasileira, 68 anos de idade, nascida em 04/11/1957, em Araranguá/SC, atualmente residente em um sítio, junto à natureza, na cidade de Siderópolis/SC. Assistente Social, ocupa o cargo de Analista do Seguro Social, exercendo a função de Profissional de Referência no Serviço de Reabilitação Profissional do INSS de Criciúma/SC. Com formação em Biodanza Sistema Rolando Toro, tendo facilitado diversos grupos. Foi na Biodanza que se sentiu estimulada e encorajou-se a expressar-se também pela escrita poética.



O quê, de minha existência, ficará quando eu me for?
O que falarão sobre mim?
Que vazios deixarei?
Que espaços minha lembrança preencherá?
Deixarei saudades?

Como serei lembrada quando eu me for?
Por minha espirtualidade?
Pelos meus sorrisos ou abraços?
Alguém relembrará movimentos meus
Em minha expressão de vida?

Talvez lembrem de quanto chorei e sofri,
Ao embrenhar-me na busca de mim mesma,
Pelos demônios que tive que enfrentar pelo caminho,
Pelos momentos de total escuridão,
Pelos muitos medos que senti,
Pelas máscaras que precisei abandonar,
Pelas joias falsas das quais tive que desapegar.

Quando eu me for,
Talvez possam lembrar, com tristeza,
Do tempo perdido em que fiquei olhando o mundo
Por detrás dos vãos da cerca,
Do que deixei de viver
Por medo de não ser aceita.

Alguém lembrará, talvez com piedade,
Quem sabe com desprezo ou enfado,
Das minhas lamúrias,
Da minha cegueira,
Da autodesqualificação constante,

Das muitas justificativas
E do repetitivo pedido de licença para ser e viver ...
Até despertar!

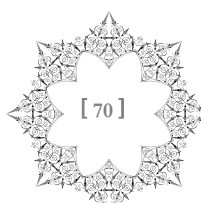
Quando eu me for,
Desejo que lembrem do meu despertar,
Das pazes que fiz comigo mesma,
Da aceitação de minha luminosidade,
Da integração de minhas partes sombrias.

Quando eu me for,
Desejo ser lembrada por minha capacidade de amar,
Por meu olhar qualificador e encorajador,
Por meu abraço acolhedor,
Por minha generosidade.

Quando eu me for,
Que eu seja lembrada pela alegria que também me constitui.
Que eu seja lembrada por meus sorrisos genuínos,
Aqueles que alcançam os olhos.
Que eu seja lembrada por minhas gargalhadas espalhafatosas.

Quando eu me for,
Que também seja lembrada pelos poemas que a vida me inspirou.
Eles retratam minha alma,
São expressão de um mundo interno em ebulição,
São o registro lírico de parte de minha jornada existencial.

Quando eu me for,
Que eu seja lembrada,
Que simplesmente seja lembrada
E que eu possa continuar vivendo
Nas histórias daqueles que me amaram.





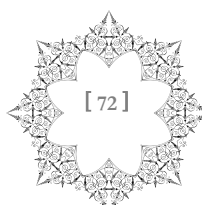
APRESENTAMOS

REDOMA POR MARÍLIA VASCONCELOS RODRIGUES

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Exterior perigoso
Interior letal
Solo pedregoso
Caixinha de cristal
Não entra calor
Não faz frio
Recanto da dor
Jeito arredio
A parede bloqueia
Seca a fonte
Suga a veia
Desbota a fronte
Prisão apertada
Ilha do nada
Se nada entra ou sai
por que o sonho se esvai
e se torna delírio de momento?





APRESENTAMOS

JULGAMENTO

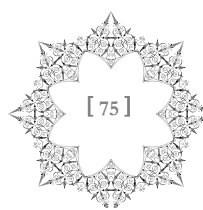
**POR MARÍLIA VASCONCELOS
RODRIGUES**

Marília Vasconcelos Rodrigues é graduada em Direito pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP e servidora pública ocupante do cargo de Assistente Administrativo no Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE de Itaúna/MG. Gosta de escrever.



Vista sua roupa cara,
já que o espírito é pobre.
Coloque sua máscara
e finja ser nobre.
Aplique a maquiagem
para encobrir os fatos.
Persuada com a linguagem.
Dissimule os atos.
Disfarce a hipocrisia
e não demonstre que, na desgraça,
você sorria.
Com falsa bondade,
sabotava pessoas
e manipulava a verdade,
sem intenções boas.
Espalhava maldade
com um veneno sorrateiro
e com o golpe certo.
Sem qualquer arrependimento,
leve-me ao julgamento.
Bata no peito
e mostre que não tem defeito.
Então, aponte para os meus erros.
Mas não se esqueça dos seus.
Sou pequena e assumo os meus.
Leve-me à prisão ou ao enterro
e sufoque qualquer argumento,
mas lembre-se que posso emergir
a qualquer momento.
Apedreje-me para se sobressair.
Sou imperfeita e acato a sentença.
E, resolvida a avença,

ainda que atrás das grades,
minha mente continuará livre.
Carregarei verdades
e aprenderei lições,
consciente de que as imperfeições
fazem parte da perfeição humana e da justiça mundana.





APRESENTAMOS

O QUE SOU **POR MARILU F QUEIROZ**

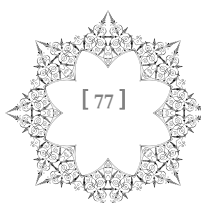
Publicitária, Escritora e Aquarelista.
Mestre em Educação, Arte e História da
Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.
Assoc. REBRA - Rede de Escritoras
Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione
Culturale Internazionale Mandala - Itália.
Livro de contos, didático e dissertação
sobre arte.
Textos em antologias e revistas eletrônicas
- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália,
Portugal e Suíça.



O que sou, meu corpo sabe...
As consequências dessa longa estrada
falam de mim as ações, contradições,
enfim, a urgência primordial de minha alma.
O que sei é que seguir essa longa trilha
até chegar aonde estou, exigiu calma....

Sou a consequência do que não planejei
e lutei para conseguir, meio relutante
entre poder estar presente e o querer
ausente, dos meus anseios e devaneios.
Na vida segui obstinada no desejo de ser
entre a escrita, a arte e a sobrevivência.

A vida me levou enérgica e possessiva,
pelo caminho que mais tarde virou paixão.
Fiquei, estudei, misturei os meus sonhos
e faço tudo junto, união de desejo e profissão.
Enveredei pelo ofício de despertar sensações
e a contemplação entre a realidade e ficção.





APRESENTAMOS

AMOR DERRADEIRO

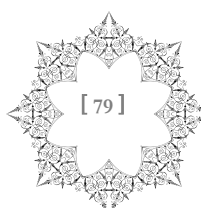
POR RAVI DHASA

Ravi tem 27 anos, e escreve poesia desde de seus 12 anos, muitas vezes como uma mecanismo de colocar para fora tudo que estava vivendo e ainda viria a viver. E deu certo, era como aliviar um ponto de pressão, expressar a inquietação da alma e de sua mente. Sendo suas referências como Cortázar e García Márquez que foram grandes inspirações na trajetória, que o ajudaram a não desistir da escrita.



Sorrio pois sei,
que a liberdade não fora me dada
Nem conquistada
Mas em minha mente tenho-a
Em meu peito
Pungente como sangue
Que escorre sobre as vontades
vontades derradeiras
de um amor solidário

Venho e volto
as origens de quem um dia fui
Pois serei melhor que ele
Serei melhor, pois sei o passado
sei o que fora feito
e sei o que o amor não fez por mim
e não fará.





APRESENTAMOS

SOLUÇÕES DO APAGAMENTO

POR RAVI DHASA

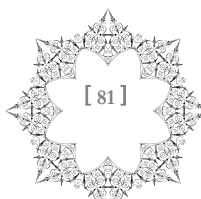
Ravi tem 27 anos, e escreve poesia desde de seus 12 anos, muitas vezes como uma mecanismo de colocar para fora tudo que estava vivendo e ainda viria a viver. E deu certo, era como aliviar um ponto de pressão, expressar a inquietação da alma e de sua mente. Sendo suas referências como Cortázar e García Márquez que foram grandes inspirações na trajetória, que o ajudaram a não desistir da escrita.



Quando abri a porta,
De repente fui ao chão,
Seus olhos embotados em mel
E a boca, borrada em vermelho sangue
Sentada a mesa, como se entregue
Cartas e cartas, de um amor não correspondido
Na escrivaninha, rosas brancas
que morreram, havia tempo

Seus olhos já não haviam aquela vivacidade
Somente a opacidade de sua íris
No canto de sua boca
Na metade dela
um sorriso
Como deboche
a aqueles à quem a visse
Porém, não havia ninguém ali

O desejo permanecera de amordaçar
As palavras não ditas
De permear novamente o mundo
Com seus desejos,
por mais que às vezes pequenos,
Desejos que queriam se realizar
Mas nem sempre um coração
Sobrevive de boas memórias
De pequenos gestos, ou pequenos prazeres
As vezes é preciso ser visto
E ao ser visto,
Ganha-se o reconhecimento, para existir





APRESENTAMOS

LUGARES DE PAZ

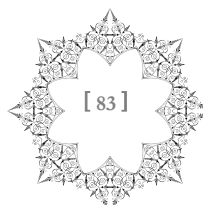
POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.



Lugares também...
mas não são o fundamental...
são mais ponte
do que peso.

Dentro de mim
no meu acordar
a balança oscila
Paz, crio e cultivo.





APRESENTAMOS

CICLO E NÃO CICLO

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

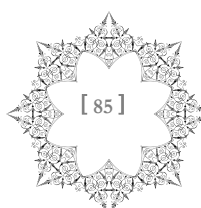


Amanhece e anoitece...
Estações se sucedem...
A Terra... a Lua... e o Sol
giram... e me levam.

Estou indo... e decaindo...
Sem retorno ou reinício...
Levada pelo tempo,
em mim, contado.

Pouco mais... e mais nada...
em organismo definido
e temporal... finito
o meu corpo... não cicla.

Mas, os meus átomos...
na mínima e emprestada
matéria... que se divide
e a tudo se junta... estão
e ciclam.





APRESENTAMOS

**CANTA PRA
MIM, SEREIA!**

POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO



Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.

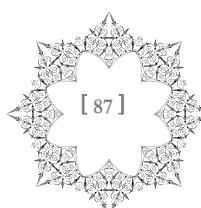


Amor, arrasta-me de vez pra tua água profunda,
Me beija com tua boca de corais!
Embriaga-me com teu vinho que desanda,
Com tua poesia que boceja, com tua carne que me queima,
Canta pra mim, sereia!

Amor, tortura-me com tua paixão que vicia,
Com teus dentes que me ardem,
Com tuas garras que me ferem, com teu ser que me incendeia!
Amor, enreda-me em tuas algas funestas,
Abrasa-me com tua promessa!
Canta pra mim, sereia!

Musa equivocada, tua sina é redigir-me!
Pousa em mim o teu lábio calcinado,
Com teu hálito de víbora, com tua chaga hereditária.
Mata-me de sede com a saliva do teu mar!

Nauta imprudente dos teus mares,
Rasgo meu peito-casco em teus desígnios.
Canta pra mim, sereia!
A canção da morte em teus rochedos!
— És tudo que esperei para extinguir-me!





APRESENTAMOS

DE CARNE E DESEJO

POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO



Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.

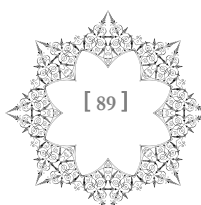


Me lanço como um raio
No céu escuro da sua boca.
Firo de morte sua pureza,
Com meu desejo ardente do teu corpo.

Rasgo as anáguas fibrosas que
Desfilam no teu púbis...
— Sou tua roupa colorida de vermelho
Na inocência perdida do teu reflexo no espelho.

A tua língua tão solta...
Já louca na minha boca,
Me prende — sem discurso —
No teu corpo-sexo-mudo.
Estilhaços de tantos desejos
No lençol manchado com teu medo:
(Tantos sonhos em construção)

O meu peito quase aberto,
À espera do deserto que teu corpo dissimula...
— Esperança de viver a vida de sempre:
Entre abraços, beijos... e teus dentes!





APRESENTAMOS

DELÍRIO

POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO

Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.

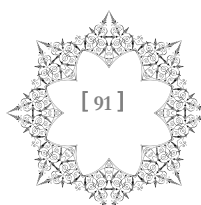


Matei de sede um rio que me tragava,
Promovi répteis a pássaros.
Despi-me da pele que trazia
Enquanto sonhava com flores que murchavam.

Quebrei o relógio que aprisionava o vento
E guardei os segundos no chão da memória.
Aluguei o silêncio para um grito mudo;
Silenciei tudo o que sentia do seu mundo.

Desdisse tudo o que não disse —
Usando palavras não inventadas.
Cheguei perto de tanta estrela,
Partindo do meu ser calcário!

Rezei para deuses pagãos,
Pedindo coisas impossíveis...
— Salvei um mar que se afogava em peixes!





APRESENTAMOS

JÁ NÃO SEI

POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO



Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.



Eu já não sei se vou ou volto,
Se fico ou passo — se me desfaço!
Se me prendo ou se me escapo
Se me furto ou se me espalho.

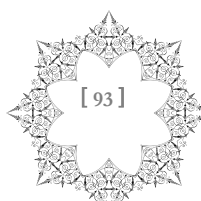
Já não sei se seco ou tinto,
Se me preocupo ou se me lincho,
Já não sei se finjo ou sinto,
Se é verdade ou se minto.

Já não sei se corro ou paro,
Se morro ou nasço — se me despedaço!
Eu já não sei se afundo ou nado
Se me esqueço ou se me acho.

Se chorando ou sorrindo,
Se crescendo ou diluindo,
(me juntando ou me partindo)
Já não sei se permaneço ou se me findo
— Já não sei se grito ou calo!

Respiro a poeira negativa dos teus sonhos,
Me meto em sua vida feito agulha.
Me planto em sua carne e apodreço.
Me decomponho em sua alma.

Sou mais que o eco de mim, sou infinito...
(Queria brincar de sangue e correr nas tuas veias,
Salivar na tua boca feito doce,
E me despedir de você como uma lágrima!





APRESENTAMOS

ECOS DO PORÃO

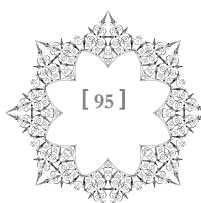
POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO



Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.



Perdido no ser que não sou
Procuro em mim o ser que não fui,
Mas não me tenho na busca
E me busco sempre onde não estou.
E agora que não me tenho,
Sinto saudades de ser o que era.
Agora que sei que não fui, se sou... não sei!
Sou eu que era? Ou fui sem ser e não sou?
Dos porões do ser que não sou,
Ouço ecos do ser que não fui.
Estranho a mim mesmo, desconheço-me.
Dos porões do ser que não fui,
Ouço ecos do ser que não sou.
Sou ainda o que não fui?
E sendo o que era, não sou?
E agora que sei que não fui
Não fui o que era e não sou.





CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS
DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO
LITERATURA

// LITERATURA QUE
CONECTA, **EMOCIONA**
E **TRANSFORMA!**



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



CONTOS E POEMAS QUE
FALAM DIRETO AO CORAÇÃO.



HISTÓRIAS QUE
INSPIRAM



EMOÇÕES QUE
CONECTAM



PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM



AUTORES QUE
ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.

CLIQUE AQUI!